

Recado dos Estados Unidos ao Brasil

Veio do secretário do Tesouro James Baker, embora sem citar o País nominalmente: "um plano que prevê o perdão da dívida que prejudique os bancos também ameaça a estabilidade financeira mundial".



O Brasil não foi citado diretamente uma única vez no discurso que o secretário do Tesouro norte-americano, James A. Baker III, fez ontem pela manhã, na abertura da 28ª reunião dos governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Miami. Mas parecia ser o alvo de alguns de seus principais momentos.

Algumas horas depois de seu discurso, qualificado por muitos de "curto e grosso" em termos de BID, James Baker encontrou-se por instantes com a imprensa brasileira, saindo de um almoço em que estavam representados o Brasil, a Venezuela, o México e a Argentina. Então, ele disse, respondendo se os Estados Unidos estariam dispostos a colaborar com o Brasil: "Depende do tipo de plano econômico que o Brasil deve apresentar nas próximas semanas".

Como explicaria o momento econômico brasileiro?

"O Brasil suspendeu os pagamentos porque suas reservas estavam baixas. Mas a atitude brasileira não é de confrontação."

James Baker ainda disse que espera encontrar-se com o ministro Funaro em abril, durante a reunião do comitê interino do Fundo Monetário Internacional, em Washington. Mais tarde, ele receberia os participantes da 28ª reunião do BID para um coquetel, no Hotel Intercontinental de Miami, já na qualidade de presidente de sua assembléia de governadores, eleito por aclamação pela manhã.

Em seu discurso ao BID, James Baker falou de reformas que estão sendo desen-

volvidas por países endividados. Citou a Argentina, com seu programa antiinflacionário, e também as Filipinas e o Chile, que estão privatizando companhias, concluindo com o México, que "reconheceu as vantagens do comércio mundial juntando-se ao Gatt".

A criação de uma corporação de investimento interamericana pelo BID foi aplaudida por James Baker — e, curioso, um dos candidatos favoritos à sua presidência é o brasileiro Roberto Teixeira da Costa. Para o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, é certo que "os bancos comerciais farão novos e substanciais empréstimos para os maiores devedores em 1987". Depois de alcançarem acordos com o Chile, o México e a Venezuela.

"Tudo isto faz com que sejamos otimistas sobre o crescimento na América Latina este ano. Em 1987, os maiores devedores deverão crescer numa média de 3%, a maior taxa de crescimento desde 1980 (...) Agora, reconheço que algumas pessoas de boa vontade ainda preferem soluções dramáticas, tomadas da noite para o dia, como o alívio da dívida de curto prazo.

Baker ainda falou sobre a necessidade de garantir a estabilidade do sistema bancário mundial. "Um plano que prevê o perdão da dívida que prejudique os bancos comerciais também ameaça e enfraquece a confiança na estabilidade financeira mundial."

A partir daí, Baker chegou então ao ponto que domina esta 28ª reunião do BID: o

direito de veto dos Estados Unidos. E ele colocou a questão de forma bem clara: "É irreal não esperar que os americanos que pagam impostos e seus representantes queiram uma maior satisfação sobre a maneira como seus dólares são usados". Ele condicionou o aumento de US\$ 9 bilhões na subscrição dos Estados Unidos a seu direito de veto em política de empréstimo bem como no destino final do dinheiro emprestado.

Os países latino-americanos ofereceram uma concessão aos Estados Unidos: para um veto, precisariam alcançar 40% dos votos, o que só conseguirão se apoiados pelo Canadá e um terceiro país, provavelmente europeu. Mas isto, que já se considera uma minivetoria norte-americana, só será decidido em abril, como concordaram o Brasil, México, Argentina, Venezuela e Estados Unidos, durante um almoço entre seus representantes, ontem à tarde.

O BID, na verdade, foi colocado diante de um impasse, por James Baker: ou mantém o seu *status quo*, representando um pequeno papel na promoção do crescimento para países da América Latina, ou "faça mais, muito mais, tornando-se um poderoso e influente banco". Antes do discurso de Baker, o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Antonio Ortiz Mena, apresentou seu balanço de 1986, em que adverte que a dívida geral dos países latino-americanos cresceu, enquanto diminuiu o fluxo de investimentos.

Moisés Rabinovici, de Miami.